



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica – PPGEB
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAP-UERJ

**Manual de atividades: Abordando as questões de
gênero e sexualidade na escola a partir do cinema, da
literatura, do teatro e das artes.**

Juliana Maria Ferreira Prados
Claudia Cristina dos Santos Andrade

Rio de Janeiro
2018

PRODUTO

Como exigência do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Educação Básica, propomos como produto desta investigação, um manual de atividades para que os educadores apliquem na rede municipal ou estadual de ensino, afim de dar continuidade ao trabalho empreendido nesta pesquisa.

O objetivo desta proposta é fazer com que os educadores se apropriem das mesmas ferramentas utilizadas pela pesquisadora, para abordar a temática de gênero e sexualidade na escola, a partir do cinema, da literatura, do teatro e das artes visuais, mas também valorizando estes instrumentos enquanto arte e expressão, transformando estes educadores em multiplicadores da proposta de ensino.

A proposta engloba uma sequência de atividades que pode ser desdobrada em quantas forem necessárias, dependendo do tempo dedicado às atividades, tendo como metodologia o trabalho com artes, para aproximar os professores da maneira de pensar, ser e agir das crianças.

O material será divulgado no Blog do PPGEB- Programa de Pós-graduação em Ensino e Educação Básica- CAP UERJ e também será apresentado em eventos da área de educação e artes.

Como surgiu essa proposta de produto

A ideia inicial, era a de usar o melodrama como aparato metodológico para a criação deste produto, por ser um tema já bastante explorado pela pesquisadora anteriormente, e porque suas raízes e paradigmas são muito próximos da estrutura dos contos de fadas, encontramos no gênero melodramático, aproximações com a literatura, música e cinema, por isso o mesmo se tornaria uma ferramenta importante para esta investigação.

Na proposta, oficinas de melodrama seriam mediadas para professoras (es) de modo que elas (es) pudessem experimentar uma nova forma de trabalhar a literatura. No entanto, a partir das discussões suscitadas pela banca no exame de qualificação, pensamos que um material de apoio pedagógico seria melhor aproveitado pelos educadores e deste modo, a partir do estudo e das referências obtidas durante a pesquisa, optou-se por utilizar o Drama como método de ensino, ao invés do melodrama. Isso porque imaginamos que o melodrama poderia referendar lugares comuns e modos de ser homem e mulher, já questionados nessa pesquisa e o Drama,

apresentando caráter lúdico, pode ser uma ferramenta mais eficaz, causando questionamento e possibilitando que cada participante ocupe lugares diferentes durante o processo. Este produto tem caráter sugestivo e traz como base minha formação em teatro, que vem contribuir para a discussão e proposta.

Justificativa

A discussão sobre gênero em sala de aula, tendo como base os contos estudados, não pode cair na instrumentalização da literatura, esvaziando-a de seu caráter mágico. Assim, a partir dessa constatação, e da ideia de que o corpo carrega um potencial expressivo relevante, foi escolhido o Drama, como instrumento metodológico para a confecção do manual que engloba este produto.

Nesse sentido, buscaremos construir práticas metodológicas, que busquem aprofundar a compreensão da questão de gênero, na medida em que promovemos a formação do educando, pautada nas complexas imbricações geradas entre a linguagem cênica, a literatura e o cinema e ainda as produções de sentido geradas pelas crianças com base nas informações que recolhem no seu dia-a-dia.

Procuraremos abordar aqui a arte como instrumento metodológico, sendo o drama uma ferramenta pedagógica, que facilitará a expressão dos conceitos trazidos pelas crianças. Deste modo, esta proposta engloba o teatro como linguagem interdisciplinar, que pode engendrar o pensamento crítico e propiciar o lazer, o senso estético, o trabalho com corpo, sendo também em sua amplitude um suporte para a abordagem e discussão do conceito de gênero, através da literatura e do cinema, confrontando os sentidos produzidos pelas crianças em sala de aula. Portanto, trata-se aqui de averiguar, principalmente, a relação entre o teatro, o cinema e literatura.

Esperamos que este material possa auxiliar educadores de toda a rede pública, como apoio para iniciar ou aprofundar o debate sobre as questões de gênero e sexualidade na escola, de uma maneira lúdica e artística, para que a criança possa criar suas próprias representações a esse respeito.

Proposta

Eu, o outro e nossas histórias- construindo identidades

O sujeito se constitui como tal à medida que interage com os outros, sua consciência e seu conhecimento do mundo resultam como “produto sempre inacabado” deste mesmo processo no qual o sujeito internaliza a linguagem e constitui-se como ser social, pois a linguagem não é o trabalho de um artesão, mas trabalho social e histórico seu e dos outros e para os outros e é com os outros que ela se constitui. Isso implica que não há um sujeito dado, pronto, que entra em interação, mas um sujeito se completando e se construindo nas suas falas e nas falas dos outros.

Geraldi

A partir dos seis anos, a escrita, os livros e histórias, ganham uma significação mais complexa e autônoma para a criança, devido à alfabetização e letramento mais consolidados. É momento de olhar não apenas para sua história, mas para o outro e os contextos sociais em que estão inseridos: a família, a escola, o bairro e a comunidade. É necessário promover conteúdos que valorizem atitudes de cooperação, socialização e iniciativa, bem como estimular a autoexpressão e a aceitação do outro como possibilidade de desenvolvimento da personalidade. Por isso, pensamos essa proposta para os anos iniciais do ensino fundamental, podendo a mesma ser adaptada pelos educadores, para uso em outras faixas etárias.

Sabemos que pedagogicamente o reconhecimento identitário deve ser trabalhado desde o princípio da educação infantil, mas é no ensino fundamental que essa distinção entre “eu e o outro” se consolida. É neste período que alguns questionamentos vêm à tona, como, quem sou eu? Quem é o outro? De onde venho? E é por meio das expressões artísticas que podemos proporcionar meios transgressores de descoberta dessa identidade, da coletividade e do entorno que permeia o educando. Para compreender melhor a proposta, listamos aqui três correntes de pensamento sobre o desenvolvimento infantil, Wallon, Piaget e Vygotsky (1992).

Wallon acredita que a criança é essencialmente emocional e que aos poucos se estabelece enquanto ser sócio cognitivo, sendo que as trocas relacionais da criança com os outros são fundamentais para o seu desenvolvimento (*o Eu se constituindo através do outro*). Para Piaget, a criança, assim como outros organismos vivos, habitua-se geneticamente a outros meios. Piaget acredita que a criança constrói sua realidade única, colocando o

aspecto cognitivo horizontalmente acima com relação ao social e o afetivo (*a constituição do Eu através do entorno*).

Já Vygotsky, acredita que as relações sociais de mediação, pelas quais passa a criança, fazem parte do seu desenvolvimento de forma direta e seu primeiro contato social e de relação com a linguagem ocorre na família (*a construção do Eu e da linguagem através do coletivo*).

Deste modo, nessas três perspectivas psicopedagógicas, encontramos subsídios que coadunam com a ideia de trabalhar o tema “Eu, o outro e nossas histórias, construindo identidades”, abordando por meio do ensino de artes, as peculiaridades neste desenvolvimento da criança, propiciando uma ampliação do seu universo mediador para além da família, a escola e seu entorno e dando novas possibilidades de criação e fruição artística.

Trabalharemos as influências da construção da identidade da criança enquanto indivíduo e enquanto coletivo, e suas narrativas históricas, literárias e corporais, levando em consideração o ambiente que a cerca. Para isso, lançamos mão de uma metodologia de ensino criada na Inglaterra, denominada O Drama como método de ensino, ou *Drama Resource*.

O drama como método de ensino, eixo curricular e/ou tema gerador (...) está baseado num processo contínuo de exploração de formas e conteúdos relacionados com um determinado foco de investigação (selecionado pelo professor ou negociado entre professor e aluno). Como processo, o drama articula uma série de episódios, os quais são construídos e definidos com base em convenções (...) criadas para possibilitar seu sequenciamento e aprofundamento. (CABRAL p.12, 1.4 2006)

Utilizaremos o jogo dramático como catalisador de ideias, o que pode contribuir para o envolvimento físico/emocional dos participantes e formar cidadãos críticos, dinâmicos e empreendedores. Ao mesmo tempo, em que desperta nos integrantes a sensibilidade, a coletividade e a percepção, mecanismos necessários ao trabalho em grupo. Por meio dos jogos dramáticos e da realização de tarefas de construção de objetivos coletivos, os estudantes poderão entrar em contato com o universo da arte, vivenciando-a e elaborando formas de analisar discursos e obras, pensando não só no resultado, mas no processo como aprendizado contínuo e real. Isso se dá por entender que o ensino das

artes acontece por experimentação, apresentação e recepção, propostas presentes nesse planejamento.

O drama como método de ensino é um instrumento de aprendizagem interdisciplinar, que estimula e é estimulado pelas demais matérias. Ele permite às crianças se colocarem no lugar de outras pessoas, em outras épocas e outros lugares, observando o mundo de diferentes pontos de vista.

O método se divide em processo, pré-texto e episódios. O processo é determinado pela participação efetiva de todos os membros do grupo, coordenador/professor e estudantes, que atuam na definição de situações e criações que o fazem avançar.

Pré-texto: É a maneira como a atividade ou tema da mesma é introduzido ao grupo, ele pode sugerir papéis e atitudes aos participantes e apresenta os antecedentes da ação. O pré-texto apresenta e define aspectos fundamentais da situação que será investigada. De certa forma ele delimita o processo, evitando fugas ao tema, propondo exercícios que não acrescentam a narrativa.

Os episódios são as criações feitas aula a aula como uma espécie de série, com sequência de acontecimentos, sendo o fio condutor do processo.

Procedimentos:

- A participação do professor (a) – Professor (a) e aluno assumem papéis sem hierarquia.
- O círculo como forma de ocupação do espaço - Ele evidencia a parceria e a igualdade de status no grupo e nas situações criadas.
- Materiais e conteúdo - Quantidade e qualidade do material apresentado às crianças.

→Indicamos conhecer um pouco do pensar pedagógico dos seguintes autores:

BEATRIZ, CABRAL. **O drama como método de ensino**. São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2006.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

DAVIS, CLÁUDIA. "O construtivismo de Piaget e o sócio-interacionismo de Vygotsky". In: **Anais: I Seminário Internacional de Alfabetização & Educação Científica**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993

DESGRANGES, FLÁVIO. **Pedagogia do Teatro: Provação e Dialogismo.** São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. 1992. Piaget, Vygotsky, Wallon – teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus.

VYGOTSKY, LEV S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1987. 135 p. (Coleção Psicologia e Pedagogia).

VYGOTSKY, LEV S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168p. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série).

Como o conceito/tema dialoga e cria possíveis inter-relações com todas as matérias e disciplinas

O drama, metodologia de ensino que será aplicada, é por essência interdisciplinar, seus três pilares, processo, pré-texto e episódios, contribuem em sua estrutura para a criação de diálogos entre as disciplinas, e ainda possibilita que professores de outras áreas, transitem no módulo, com suas linguagens específicas.

Aqui apresentamos uma constelação de referências para o conceito a ser trabalhado e os diálogos possíveis entre disciplinas:

Eu me vejo, eu me mexo, eu crio → Redação/Ciências/Geografia

Como nos vemos e movemos no espaço → Matemática/ Geografia/ Ciências

Nos descobrimos e juntos criamos → Redação/ História

Narrativas do Mundo → História/ Geografia/ Língua Portuguesa

Narrativas do espaço Bairro-Casa-Escola → Geografia/ História/Língua Portuguesa/
Matemática

Nossas histórias → Língua Portuguesa/ Redação

Módulo

Me vejo no que vejo

Existência é o estado do que existe. Existir é Ser. Ser é ter existência e uma identidade. Identidade é o conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la. EU, é a individualidade da pessoa humana. A existência é por si só uma dialética.

Uma sequência de auto-referenciação. Um metaconceito.

Isabel Seixas

Neste módulo, dividido em sequências, buscaremos construir com as crianças o conceito de Identidade. Por meio do Drama como método de ensino, será possível vivenciar diferentes situações em que a criança será capaz de compreender que corpo, mente e memória constituem sua personalidade. Por meio de exercícios práticos, corporais, plásticos, com criação de diferentes autorretratos, procuraremos provocar nas crianças a descoberta de si para a ampliação de um entendimento posterior de quem é o outro.

Descrição e objetivos pedagógicos da proposta

Por meio da contação dramatizada do conto Ubuntu, como pré-texto, as crianças serão inseridas no universo da descoberta de si e do outro de maneira lúdica. A ideia é que por meio do conto, sejam criados “personagens” que farão parte de todo o processo, os estudantes serão pequenos antropólogos/etnólogos, que ao longo do percurso, buscarão descobrir a si mesmas. Posteriormente serão inseridos trechos das versões de A Bela Adormecida e Melévola, para que o trabalho de descoberta da identidade seja mais explorado, possibilitando a criação de novos sentidos a partir de contos já conhecidos.

Os principais objetivos deste módulo são: estimular a autoexpressão e a aceitação do outro dentro do jogo dramático como possibilidade de desenvolvimento da própria personalidade; aquisição de conhecimentos sobre espaço individual, espaço coletivo; o reconhecimento da importância da participação individual no contexto grupal; apropriação de diferentes técnicas de produção de um autorretrato; exploração das possibilidades artísticas do corpo e do espaço.

Contextos (históricos/ relações arte e vida / artistas e obras de referência)

Diversos artistas trabalham a noção de identidade, especialmente com os conhecidos autorretratos. Para ampliar esse conceito e referenciar para as crianças a ideia do artista de representar a si mesmo, podemos utilizar como exemplo a artista Frida Kahlo, (<http://www.museofridakahlo.org.mx/>) (<http://fkahlo.com/#>) que aos 13 anos sofreu um acidente de bonde, o que ocasionou um grave problema de coluna, que a impossibilitou de andar. Os problemas físicos impulsionam sua criação, e ao representar suas dores nos autorretratos, consegue transpor para a obra de arte sua angústia e seus medos, além de sua relação íntima com a sexualidade.

Muitos outros artistas ao longo da história da arte trabalharam com o autorretrato. Durante o Renascimento, essa expressão popularizou-se, porque os pintores começaram a retratar seus próprios rostos com o intuito de deixar suas imagens gravadas para o futuro e expressar em suas pinturas o que sentiam, seus anseios e seus pensamentos.

Um artista que se dedicou aos autorretratos foi Rembrandt (<http://www.mystudios.com/rembrandt/rembrandt-paintings-wearing-hat.html>), que registrou diferentes fases de sua vida, diversas emoções e expressões. Assim, ao longo da história alguns artistas se retrataram e deixaram suas marcas, como: Tarsila do Amaral (<http://trabalho-fausto.blogspot.com.br/2011/10/auto-retrato-tarsila-de-amaral.html>) por exemplo, era vaidosa e considerada uma bela mulher, as representações dos seus autorretratos trazem muito dessas características. Já Anita Malfatti

(http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/fichaDocumentoCAV.asp?Documento_Codigo=2544&Acervo_Nome=m%C1rio%20de%20andrade&Acervo_Codigo=1), era tímida, não gostava de se expor e não se achava tão bela, tinha um problema na mão esquerda que escondia com um lenço, seu autorretrato apresenta traços mais apagados. Por meio da fotografia, o artista, Yasumasa Morimura (http://www.saatchigallery.com/artists/yasumasa_morimura.htm), faz autorretratos bastante peculiares, já que fotografa a si mesmo a partir das obras de outros artistas. Para aproximar o tema do universo das crianças, pode ser interessante também discutir com os alunos sobre as atuais *selfies*, feitas pelas câmeras frontais dos celulares e compara-las com as outras técnicas de representação dos autorretratos ao longo do tempo. Apresente alguns exemplos de Vik Muniz (<http://vikmuniz.net/pt/gallery>), para

ressaltar uma das técnicas que podem ser usadas para a confecção dos autorretratos. No link a seguir um vídeo que retrata algumas das técnicas usadas por Vik:

(https://www.youtube.com/watch?v=z1b_7GOoqtU)

→ outras referências artísticas que podem ser pesquisadas e utilizadas neste módulo:

-Flávio de Carvalho: (<https://saoromaomoveis.files.wordpress.com/2011/02/autorretrato.jpg>)

-Guignard: (<http://www.macvirtual.usp.br/mac/templates/exposicoes/acervo/am2.jpg>);

-Vivian Maier : (<http://www.vivianmaier.com/gallery/self-portraits/#slide-5>)

-Cindy Sherman : (<https://www.artsy.net/artist/cindy-sherman>)

-Van Gogh : (https://br.pinterest.com/pin/381046818444654774/?from_navigate=true)

-Pablo Picasso:

<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2014/01/20/1076200/cubismo-autorretrato-pablo-picasso.html>

-Artigo “Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade” (<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/6157>)

SEQUÊNCIA 1 - Começando com o pré-texto Ubuntu

1- Apresentação da Aula

A aula se inicia de forma lúdica, com a contação da fábula Ubuntu [encontra-se em anexo neste manual]. A ideia é criar um ambiente propício para a história, para que as crianças mergulhem na narrativa. Depois haverá um momento de diálogo entre o professor e as crianças em que haverá a apresentação tradicional onde cada um dirá seu nome, de onde veio, etc. Antes de finalizar a aula, o professor apresentará aos estudantes um Modelo de Caderno do Eu, uma espécie de diário que acompanhará as crianças ao longo das atividades, onde serão registrados os trabalhos e impressões sobre os mesmos.

Lembrar aos alunos que esta aula irá trabalhar a COLABORAÇÃO pois a metodologia de trabalho que está sendo proposta exige uma participação colaborativa dos estudantes, juntamente com o professor que juntos devem traçar os objetivos que querem alcançar no trabalho. Estou disponível para ouvir e compreender o que está sendo tratado na aula, tenho interesse e atitudes para com o trabalho coletivo.
--

Colocando em prática- Contação de história- Ubuntu

Momento 1 (aproximadamente 30 min.)

O professor contará a fábula Ubuntu (pré-texto), por meio do drama como método de ensino, contando os eventos acontecidos. A ideia é criar um ambiente propício para a contação da história, para que as crianças mergulhem na narrativa e depois possam identificar pontos positivos e relacioná-los a si mesmos e suas ações. Se possível, deixe a sala em penumbra e adapte o conto à sua forma de narra-lo. É importante que para a contação, sejam utilizados alguns objetos característicos de um antropólogo/etnólogo, podendo ser uma lupa ou grandes óculos de grau, um caderno de anotações (que pode ser o Caderno do Eu, que será apresentado aos alunos no final da aula), um jaleco, entre outros. O educador pode escolher fazer a contação da história de forma distanciada, em que criará uma ambientação e ele será o narrador, ou poderá utilizar o recurso do Professor-Personagem¹, aquele que é parte da história, mas a conta com um olhar externo. Um exemplo dessa metodologia está disponível no endereço (<https://www.youtube.com/watch?v=ndlKpNOQ6To>, Drama como método-Cavernas). Após a contação da história, antes de passar para o segundo momento da aula, o educador pode se descaracterizar de Professor/Personagem, deixando para as crianças o código de que, sempre que ele estiver caracterizado, eles estarão “brincando de pequenos antropólogos”, em um espaço delimitado na sala de aula, onde sempre ocorrerão as ações dramáticas.

Escolhendo os materiais Lanternas ou luminárias, tecidos com cores que lembrem terra e vegetação, um cesto de palha, lupa ou grandes óculos de grau, jaleco. Diversos tipos de documentos (passaportes, cédulas de identidade, títulos de eleitor, carteira de trabalho, podem ser cópias ou réplicas). Esses materiais ajudarão a compor o ambiente para iniciar a ação dramática, que começa com a contação da Fábula [pré-texto] Ubuntu.²

Tópicos para reflexão e debate

- O que é ser solidário?
- Porque devo me preocupar com o outro?
- O que é coletividade?

¹ O professor personagem estabelece as convenções teatrais: espaço, tempo, presença; conduz e articula o processo, intervindo na dramatização como participante.

² Fica a critério do educador, deixar o ambiente pronto para quando as crianças chegarem, ou montar o ambiente com elas. Optando pela segunda alternativa, acrescentar pelo menos 20 minutos de montagem.

- O que é individualidade?

UBUNTU

Um antropólogo estava estudando os usos e costumes da tribo e, quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto de volta para casa. Sobrava muito tempo, mas ele não queria catequizar os membros da tribo; então, propôs uma brincadeira para as crianças, que achou ser inofensiva. Comprou uma porção de doces e guloseimas na cidade, botou tudo num cesto bem bonito, com laço de fita e tudo, e colocou debaixo de uma árvore. Aí ele chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse "já!", elas deveriam sair correndo até o cesto, e a que chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro. As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse "Já!", instantaneamente todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e a comerem felizes. O antropólogo foi ao encontro delas e perguntou porque elas tinham ido todas juntas se uma só poderia ficar com tudo que havia no cesto e, assim, ganhar muito mais doces. Elas simplesmente responderam: "Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?" Ele ficou desconcertado! Meses e meses trabalhando nisso, estudando a tribo, e ainda não havia compreendido, de verdade, a essência daquele povo. Ou jamais teria proposto uma competição, certo?

Ubuntu significa: "**Sou quem sou, porque somos todos nós!**"

Dicas: Importante explicar para as crianças o que é um antropólogo, o que ele faz, pois, a ideia é que as crianças assumam o papel de pequenos antropólogos, pesquisadores, na sequência dramática. Explicar outras palavras e termos desconhecidos, como por exemplo, "catequisar". Criar no ambiente um espaço específico, delimitado, onde ocorrerão as ações dramáticas.

Diálogos sobre Ubuntu, individualidade, coletividade

Momento 2: (aproximadamente 20 min.)

Depois da história contada, sentados em roda, procure instigar as crianças a falarem sobre a fábula. Elas podem ser provocadas a partir de objetos que de alguma forma representem identidade, como documentos, fotografias e etc., pertences que podem ser levados para que elas apreciem (passaportes, cédulas de identidade, diversos tipos de documentos, podem ser réplicas ou originais, é apenas para que tenham referência). Dialogue com a turma acerca do que é identidade; quem sou eu, quem é o outro.

Momento 3: (aproximadamente 20 min.)

Aproveitando a conversa sobre “quem sou eu”, ainda em roda, mas agora de pé, o professor inicia o jogo, “Eu sou.... E você, quem é? ” .

Detalhes do exercício:

Formar uma roda, tomando o cuidado de verificar se todas as pessoas estão sendo vistas pelos demais colegas. Combinar com o grupo para que lado a roda irá girar.

O educador inicia a atividade se apresentando e passa para outro.

Por exemplo: "Eu sou João, e você, quem é?" "Eu sou Márcia, e você, quem é?" "Eu sou Lívia, e você quem é?" A dinâmica pode ser feita com o grupo sentado sem a roda girar.

Momento 4 (aproximadamente 15 min.)

Exercício ME APRESENTO:

Propor aos participantes apresentarem-se, individualmente, de forma criativa, agora, como já sabem os nomes de cada um, o jogo consiste em se apresentar ressaltando características, gostos, desejos.

Os objetos podem estar em uma caixa ou baú, sendo oferecidos para que eles possam criar um visual para se apresentar. **Escolhendo os materiais:** objetos diversos (xale, óculos, chapéu, colares, boné, camisa, lenços, etc.)

Momento 5 (aproximadamente 15 min.)

O caderno de anotações do Professor/Antropólogo ou Caderno do Eu, será apresentado para as crianças, é importante que este modelo seja criado pensando uma identidade para este professor/antropólogo, pois as crianças deverão confeccionar as capas dos seus cadernos individualmente. O caderno modelo pode ser passado de mão em mão para que as crianças vejam os detalhes. Neste momento o professor pode explicar que as anotações são pessoais, cada um irá a seu modo, deixar registrado no Caderno do Eu, como se sentiu em cada aula e pode ser com um desenho, uma colagem, um texto, uma música.... Em cada aula, uma ou duas crianças, apresentam os registros feitos no caderno para toda a turma. **Escolhendo os materiais:** o professor dará aos alunos ideias de materiais que poderão ser levados para o próximo encontro, como fotografias, recortes, tecidos, etc, para que os alunos confeccionem os cadernos em sala de aula.

Conclusões finais e próximos passos no projeto

Nesta aula a turma se conheceu, tiveram as primeiras impressões sobre o outro. Iniciaram o processo de drama que seguirá durante todo o ano e começaram a discutir sobre o conceito de identidade e coletividade. Para a próxima aula, solicite que levem um caderno de mão, pequeno ou médio [já encapado com folha branca], que será seu Caderno do Eu. A criança também deverá levar materiais que queira utilizar para confeccionar a capa do caderno que será feita com colagem. Fotografia, recortes de revistas, retalhos de tecidos, fitas coloridas, etc.

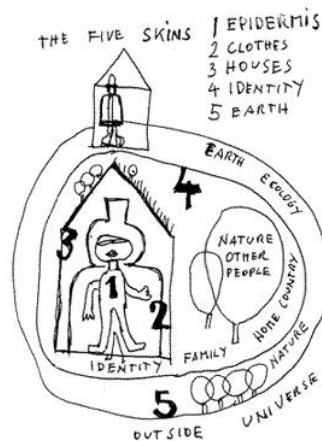
SEQUÊNCIA 2- Retomando o pré-texto- confecção das capas dos cadernos do eu.³

Esta sequência será dedicada à confecção do caderno de registro das crianças. O professor/coordenador, deverá relembrar a fábula, e valorizar a cooperação das crianças para a execução da atividade, incentivando o empréstimo de materiais, relembrando o conceito de identidade.

Momento 1- (aproximadamente 20 minutos)

Frida Kahlo Trabalhar o partir de obras de artistas autorretrato, lembrando que essa técnica poderá ser revisitada algumas vezes durante o processo. Mostrar imagens de autorretratos de artistas.

conceito de identidade a que utilizam a técnica do



Importante lembrar que no processo do drama, o educador e as crianças assumem papéis para alcançarem os objetivos determinados, a caracterização é de extrema importância, e para facilitar essa caracterização, podem haver códigos e um único adereço que represente cada personagem, bem como o espaço delimitado onde ocorre a ação dramática. Na confecção dos cadernos, as crianças já estarão assumindo seus papéis de antropólogos. E o incentivo do educador deve ser de fazer a criança retomar sua história.

Frida Kahlo

Yasumasa Morimura

Anita Malfatti

Momento 2- (aproximadamente 20 minutos)

Autorretrato- As crianças deverão desenhar a si mesmas em um pequeno espelho de mão. Lembre-se que o foco não é perfeição do desenho, mas sim conectar o olhar de cada criança sobre si mesmo. A instrução do professor será para que a criança desenhe o reflexo dos traços que está vendo no espelho. **Escolhendo os materiais:** Providenciar pequenos espelhos e canetas removíveis.⁴



Momento 3: (Aproximadamente 15 minutos)

Após as crianças terem feito seus desenhos nos espelhos, é chegado o momento de fazer refletir essa sombra, com as silhuetas criadas. Em algum local da escola, como no pátio por exemplo, que tiver incidência do sol, levar os espelhos para projetar as sombras dos desenhos nas paredes ou chão. É importante fotografar o momento, para manter como registro do processo.



⁴ O professor pode dividir a turma em grupos, e enquanto um grupo analisa os autorretratos dos artistas, exposto anteriormente, outro grupo confecciona o desenho no espelho.

Momento 4: (Aproximadamente 1 hora)

Após as crianças brincarem criando seus traços no espelho e vendo esse reflexo na luz, chega a hora de confeccionar as capas do caderno do eu em sala de aula. Lembrando que o exercício anterior é importante por trazer para a criança um pouco da imagem de quem ela é, para então confeccionar sua capa. Durante o processo, é interessante que o educador lance questões como, “do que eu gosto”, “como sou”, de “de onde venho”, para as crianças irem refletindo. **Escolhendo os materiais:** as crianças deverão levar materiais pessoais, e a professora pode disponibilizar no centro da roda, materiais para uso comum.

Após a confecção da capa, o caderno será utilizado para o primeiro registro, sobre a aula anterior. A professora deverá instigar a turma para que relembrem juntos da fábula.

SEQUÊNCIA 3 - Apresentação de imagens como pré-texto.



Momento 1 (aproximadamente 30 min.)

Criando narrativas a partir de imagens

O professor apresentará a imagem, aos estudantes e fará perguntas chave para iniciar o processo do drama. A ideia é utilizar o ambiente da contação da fábula, para que as crianças mergulhem na narrativa e depois possam identificar pontos positivos e relacioná-los a si mesmos e suas ações. Crie um ambiente propício para as indagações que vão surgir. Os pequenos antropólogos, pesquisadores, ajudarão a solucionar a

questão que será colocada. O educador poderá utilizar o recurso do Professor-Personagem.

Escolhendo os materiais: Lanternas ou luminárias, tecidos com cores que lembrem terra e vegetação, um cesto de palha, lupa ou grandes óculos de grau, jaleco. Diversos tipos de documentos (passaportes, cédulas de identidade, títulos de eleitor, carteira de trabalho, podem ser cópias ou réplicas) e outros elementos que possam remeter a história contada. Esses materiais ajudarão a compor o ambiente para iniciar a ação dramática.

Tópicos para reflexão e debate ou problema a ser solucionado a partir da imagem

- Que época é essa?
- O que essas pessoas fazem dormindo?
- Quem são essas pessoas?
- Quem é a personagem central?
- Como acorda-las?
- Quem você seria na imagem?

Momento 2: (aproximadamente 30 min.)

O professor vai mediar a dramatização de situações criadas pelas crianças, de acordo com o que for respondido das questões anteriores. A turma deve ser dividida em pequenos grupos, cada grupo irá discutir sua dramatização, que tem o seguinte foco, porque as pessoas dormiram, como vão acordar. Toda ação dramática deverá acontecer em um espaço delimitado, pode ser em um canto da sala, ou em um círculo formado no centro.

Momento 3: (aproximadamente 30 min.)

O professor, no papel de professor personagem, vai inserir um problema, as pessoas acordaram, mas não sabem quem são, de onde vieram, o que são. As crianças enquanto antropólogas, pesquisadoras, devem encontrar soluções para o problema. Como? O professor dará subsídios e apresentará novas imagens e fragmentos de textos, que possam indicar quem são, em que época elas vivem.

Momento 4: (aproximadamente 20 minutos)

Registro individual das crianças, sobre as impressões do dia no Caderno do Eu.

SEQUÊNCIA 4 – Construindo identidades

Ao longo das atividades as crianças já refletiram um pouco sobre ser solidário, e pensaram na frase moral da fábula Ubuntu, “sou quem sou, porque somos todos nós”. A partir dessa ideia de pensar quem sou eu, a identidade de cada um, vamos inserir no jogo dramático, questões relacionadas ao gênero. O que é, e como é ser menino ou menina hoje na escola. Essas atividades serão pensadas a partir do conto A Bela Adormecida, versão dos irmãos Grimm⁵, que se encontra em anexo.

Momento 1: (aproximadamente 40 minutos)

A partir das discussões já suscitadas, sobre identidade {eu, o outro, nós}, vamos inserir o conto A Bela Adormecida, para possibilitar que as crianças pensem sobre os papéis que cada personagem ocupa enquanto homem e mulher. O educador contará a história, e pode mais uma vez, a seu gosto utilizar o professor personagem. Aproveite o espaço já criado para a contação de Ubuntu, e crie com as crianças um clima de mistério para iniciar a ação. Deixe que elas perguntem durante a contação, é importante sentir que elas estão interessadas. Após o conto, inicie uma breve discussão com a turma, procure delimitar tipos de pessoas que são descritos no conto, para efetivar o exercício posterior.

Momento 2: (aproximadamente 40 minutos)

Os pequenos investigadores/pesquisadores, deverão sair pela escola em busca de respostas para perguntas que o professor achar viáveis, como:

- O que é uma princesa?
- Como ela se comporta?
- Como é um príncipe?

Suscite também questionamento como, meninas e meninos são iguais? Quais são as brincadeiras de menino? E as brincadeiras de menina? Eles deverão caminhar pela escola, fazendo esse questionamento à professores e alunos, funcionários, colhendo o máximo possível de informações. O material recolhido será essencial para a próxima atividade, guarde-o.

Momento 3: (aproximadamente 35 minutos)

⁵ Esta versão foi a escolhida, por apresentar mais semelhança ao enredo do filme Malévola, e para que as crianças consigam fazer uma conexão no momento das atividades. O educador, além do conto, pode também mostrar trechos da animação A Bela Adormecida, dos estúdios Disney.

Após as “entrevistas” realizadas pelas crianças, avaliar com elas os resultados e discutí-los com a turma, para dar início a atividade prática, que deverá ser realizada no espaço da ficção, aquele mesmo delimitado, onde deverão acontecer as ações dramáticas, onde os participantes assumem novas identidades e podem estar em outros lugares, que não o espaço tempo real.

Selecione as brincadeiras que forem citadas como “brincadeira de menino” e as brincadeiras indicadas como “brincadeiras de menina” e proponha o jogo, porém, trocando os personagens da situação. Ex: As meninas vão simular um jogo de futebol, os meninos vão brincar de casinha. Pode ser mais de uma brincadeira para cada gênero, divida a turma em grupos de meninos e meninas separadamente, depois discuta com eles, qual foi a sensação da brincadeira.

Momento 4: (aproximadamente 20 minutos)

Registro individual das crianças, sobre as impressões do dia no Caderno do Eu.

SEQUÊNCIA 5- Trocando papéis

Nesta sequência, será importante voltar a discutir a relação entre brincadeiras que se dizem de menino ou de menina, e principalmente explicitar que essa divisão é equivocada, pois comprovaram com a experimentação que qualquer criança pode brincar do que desejar. Não está relacionado à ser menino ou menina, mas é sobre o que cada um gosta de fazer.

Momento 1- (Aproximadamente 15 minutos)

Separe grupos mistos e jogue com as crianças o jogo da estátua, sendo que no momento de paralisar, elas receberão comandos especiais. O professor deve usar comandos que ajudem a formar imagens específicas. Como por exemplo, o comando é que todos façam pose de bailarina e paralisem. Fotografe as estatuas.

Momento 2- variação (Aproximadamente 15 minutos)

O professor também tem a opção de dividir a turma em dois grupos mistos e enquanto um grupo recebe os comandos, o outro analisa as imagens formadas.

Momento 3- (Aproximadamente 1 hora)

Relembre com a turma o conto A Bela Adormecida e separe a turma em grupos. Proponha que cada grupo encene a história, também trocando os papéis, meninos farão papéis femininos e vice-versa. Pode haver a opção de formar grupos só de meninos e só de meninas e propor a encenação, alguns não estarão representando seus papéis comuns. O professor deve mediar os grupos, e auxiliar na criação. É bom e importante que eles tenham acessórios e/ou figurinos ou peças de figurinos para a ação dramática. E não se esqueça que as ações ocorrem sempre no local já delimitado, desde a primeira aula.

Momento 4: (aproximadamente 20 minutos)

Registro individual das crianças, sobre as impressões do dia no Caderno do Eu.

SEQUÊNCIA 6- Novas Nuances

Nas sequências anteriores foi possível conjecturar com os alunos conceitos como identidade, coletividade, ser menino e ser menina. Toda as provocações, levam a um lugar comum que é o do questionamento, nossa intensão primeira com estas atividades. Agora, que as crianças já estão se perguntando se realmente há modos corretos de ser menino e menina, e que já experimentaram estar no lugar do outro, transgredindo opiniões e discursos já formados, vamos inserir o filme Malévola, para finalizar este projeto.

Momento 1- (Aproximadamente 1 hora e 37 minutos)

Exibição do Filme Malévola.

Momento 2- (Aproximadamente 20 minutos)

A discussão principal após o filme, sobre a impressão dos alunos, é quais as semelhanças e diferenças que existem entre conto e filme? Qual a diferença entre a forma como Aurora é salva no conto e no filme? Quem é a personagem mais forte e mais poderosa? Quem é herói, quem é vilão? Qual o personagem mais esperto e porquê? Esses questionamentos, levarão as crianças à compreenderem que alguns papéis já estão sendo modificados.

Momento 3- (Aproximadamente 1 hora)

Depois de todo o estudo e de toda a criação feita conjuntamente com as crianças, chegou o momento de finalizar as estratégias educativas, com uma proposição cênicas. O

educador vai propor à turma, que façam uma nova encenação para A Bela Adormecida, podendo mesclar informações de Malévola e também do conto, porém de maneira contemporânea. Quem seria a Aurora brasileira nos dias atuais? Porque ela cairia em feitiço? Seria feitiço? Quais as possibilidades atuais de existência desta história e como ela acaba?

Momento 4- (Aproximadamente 2 horas)

Apresentação pública da criação proposta na atividade anterior, pode ser interna, apenas para os outros alunos da escola, ou pode ser para os pais e familiares.

Momento 5-

Após as apresentações, faça uma roda de diálogo com os alunos, propondo que apresentem seus diários, “Cadernos do Eu”, com suas impressões mais importantes.

6- A documentação como valorização do processo

A documentação do processo de ensino de aprendizagem no segundo ano, se dará por meio dos protocolos, que serão aqui chamados de Cadernos do Eu. O protocolo, é um recurso que une registro, reflexão e avaliação. Ele será um registro analítico e crítico do ponto de vista de cada criança. É importante lembrar que o docente, pode ter sempre em mão outras formas de registro, além do caderno. Fotografar e as vezes filmar momentos das aulas é muito importante para a documentação do processo.

7- Bibliografia e outros materiais para pesquisa

Ubuntu (narração da fábula: <https://www.youtube.com/watch?v=gpIEHRukIfE>)

O drama como método de ensino (<https://www.youtube.com/watch?v=rKzNhT3MkEI>)